

Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?¹

Dirce Zan*

Elise Batista**

Maria Teresa de Arruda Campos***

Nathália Raggi****

Tatiana Lima de Almeida*****

Resumo

Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento teórico e uma reflexão acerca dos fenômenos da grafiteagem e da pichação em relação às juventudes. Em busca de um estudo teórico mais aprofundado, foi possível encontrar diferentes linhas de pensamento indicando a existência do grafite e da pichação, para alguns, como forma de comunicação dos jovens, para outros como forma de protesto de grupos oprimidos e ainda como uma maneira de estabelecer um *status*, uma marca em relação a um grupo e a construção de um sentimento de pertença. A discussão trouxe à tona o fato das diferentes juventudes que vivem por todos os cantos e encantos desse país estabelecerem uma relação de força com as cidades. Levando em conta a premissa de que onde há relações de poder há resistências, quais formas de participação juvenil existentes em nossa sociedade? Para isso, o texto ainda propõe a construção de um caminho onde o tripé participação social, cuidado de si e cuidado do outro, conjugado aos verbos inventar, resistir e criar, podem fazer toda a diferença no processo de produzir uma vida singular, ética e que pode ser apreciada e vivida como uma obra de arte.

Palavras-chave: Grafite; Pichação; Juventudes.

* Docente do Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil.

** Graduada em Educação Física e Mestranda pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil.

*** Psicóloga e Pedagoga. Mestre e Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil.

**** Socióloga de formação e Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil.

***** Psicóloga, especialista em Violência Doméstica e Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil.

Graffiti and Pichação: forms of resistance and youth participation?

Abstract

This study aimed at surveying and performing a theoretical reflection on the phenomena of graffiti and pichação in relation to youths. In order to do a thorough theoretical study, it was possible to find different lines of thought indicating the existence of graffiti and pichação. For some, a means of communication for young people, for others, as a protest of oppressed groups and also as a way of establishing a status, a distinguishing feature in relation to a group and building a sense of belonging. The discussion brought up the fact that different youths living in every corner and charms of the country established a relationship of power with the cities. Given the premise that where there are relations of power there is resistance, which forms of youth participation do exist in our society? For this, the text also proposes the construction of a path where the triad social participation, self care and care towards the other, in connection with verbs such as to invent, resist and create, can make all the difference in the process of producing a singular and ethical life, that can be enjoyed and lived as a work of art.

Keywords: Graffiti; 'Pichação'; Youth.

Introdução

O conceito de grafite e pichação remete a uma interlocução com o conceito de juventude ou juventudes, e é um lugar teórico que torna visível as formas de comunicação dos jovens, bem como formas de protesto de grupos oprimidos e ainda maneiras de estabelecer um *status*, uma marca em relação a um grupo.

O objetivo deste trabalho é retomar o percurso dessa construção conceitual, diferenciando pontos importantes entre a grafiteagem e a pichação e a participação juvenil na sociedade contemporânea.

Centrados na articulação entre juventudes, pichação e grafiteagem, não são poucas as discussões nos âmbitos político, artístico, educacional e jurídico, que buscam meios para entender as causas e o funcionamento destes fenômenos, muitas vezes no intuito de reprimir e controlar esta ação.

Os primeiros trabalhos no Brasil voltados para a compreensão da temática da juventude centraram-se nos jovens de classe média, estudantes universitários. São desta época as pesquisas pioneiras de Marialice Foracchi (1972, 1977). Naquele momento a juventude que estava em cena e que parecia importar para os estudos acadêmicos era a juventude universitária e intelectualizada dos grandes centros brasileiros.

Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?

Nos anos de 1980, outra juventude entra em cena e se coloca com tamanha força e presença que se transforma em foco de atenção não apenas de pesquisadores, mas também de políticos e da sociedade em geral. Foi principalmente no final daquela década que os jovens negros da periferia se fizeram presente, especialmente através do movimento *Hip Hop*.

Segundo Araújo e Coutinho (2008), o movimento *Hip Hop* tem em sua origem o objetivo de apresentar alternativas aos jovens da periferia de Nova York na década de 70. Visava deste modo estimular a atividade criadora dos jovens mostrando-lhes a possibilidade de se expressarem e revelarem sua realidade por meio da arte. Segundo Kehl (2008), no Brasil o *Hip Hop* pode ser visto como um movimento que busca o reconhecimento e a organização de uma fratria de semelhantes, de pessoas orgulhosas de sua cultura e raça na luta por modificar a auto-imagem e o comportamento de todos os negros pobres do Brasil (KEHL, 2008).

São próprios deste movimento o *break* (dança), o *rap* (música) e os desenhos e escritas em muros e paredes, denominados grafite. Seus integrantes são chamados de rappers (em referência ao gênero musical *Rap*) ou hip hoppers (em referência ao movimento ou cultura *Hip Hop*):

O *rap*, palavra formada pelas iniciais de rhythm and poetry [grifo do autor] (ritmo e poesia) junto com as linguagens da dança (o *break* [grifo do autor]) e das artes plásticas (o grafite), seria difundido para além dos guetos com o nome de Cultura Hip Hop. O *break* [grifo do autor] é uma dança de rua, de movimentos de ruptura corporal – as “quebras” – e movimentos acrobáticos de pulos e saltos, de efeitos harmoniosos, em performances reelaboradas com movimentos de outras danças de origem afro-americanas, como o charlestone, e até mesmo das artes marciais. O grafite surgiu também na década de 70, a partir das “tags”, assinaturas inscritas pelos jovens com sprays nos muros, trens e estações de metrô de Nova York. Mais tarde incorporou letras especiais, desenhos e símbolos, criando uma estética própria, definindo-se como “arte das ruas”. (DAYRELL, 2005, p. 47)

Nestes primórdios, os temas do grafite eram sempre ligados às gangues, ao universo do *Hip Hop* e às histórias em quadrinhos.

Segundo Filho (2004), o *Rap* e a cultura *Hip Hop* foram bastante criticados e discriminados em sua chegada ao Brasil na década de 80, mas teriam se propagado crescentemente em seu aspecto musical, de modo a cultura de periferia alcançar “vez e voz” (FILHO, 2004, p.139).

Dirce Zan – Elise Batista – Maria Teresa de Arruda Campos – Nathália Raggi –
Tatiana Lima de Almeida



Figura 01 e 02 – Grafites feitos por estudantes de artes plásticas da UNICAMP e por artistas de rua

Nesse movimento, talvez a linguagem que ganhou maior destaque tenha sido o grafite.

Definido como pintura de rua que utiliza basicamente desenhos, figurativos ou não, o grafite tem se constituído em linguagem de protesto e se transformado em arte de rua. Através do movimento *Hip Hop*, em evidência nos últimos anos pela sua paulatina incorporação às políticas públicas para a juventude, o grafite cada vez mais tem sido compreendido como uma forma de inserção dos jovens da periferia à sociedade. Porém, o que se verifica é que o grafiteiro não quer ser exatamente absorvido, ir para a galeria, para o museu, ele ainda quer ser a expressão da periferia.

O grafite remete a novos usos dos espaços públicos que se desenvolveram com a urbanização; envolve uma disputa simbólica pela definição da cara dos espaços e sua conotação legal ou ilegal frequentemente deriva apenas do grupo que o realiza. (ARCE, 1999, p.122)

Segundo Teixeira e Otta (2004), o hábito de escrever em paredes se constitui em uma prática bastante antiga. Alguns remontam a história da pichação a tempos históricos remotos comparando-a, por exemplo, às pinturas rupestres da Serra da Capivara no estado do Piauí. Para alguns pesquisadores, a pichação está associada à necessidade do homem de se comunicar e deixar sua marca.

Teixeira (2004) aponta, em sua pesquisa, uma aproximação entre os grafites encontrados nos banheiros brasileiros e em outros países. É possível ainda comparar essas inscrições, segundo a autora, com as encontradas em Pompéia. Para Teixeira e Otta (2004), os conteúdos dos grafites nessas duas realidades e contextos históricos são parecidos:

Apesar de ocorrerem em locais diferentes e momentos históricos diversos, separados por 2 mil anos, perce-

Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?

bem-se semelhanças. Tanto na Antiguidade como agora eles falam de amor, sexo, política, fazem piadinhas ou então têm um conteúdo escatológico. (TEIXEIRA; OTTA, 2004, p. 231)

Nos últimos tempos, é nítida a legitimação e a aceitação social cada vez maior desta linguagem plástica. Tal situação tem contribuído para, até certo ponto, aumentar também a rivalidade e os conflitos entre grafiteiros e pichadores, inicialmente próximos, tanto quanto a sua origem – a periferia dos grandes centros – como em razão do seu projeto: contestar o sistema social. Ainda que grafite e pichação mantenham aproximações, tais como o meio urbano, a efemeridade das imagens nesse espaço e o fato de serem expressões legítimas da arte nas periferias, são manifestações distintas no que tange às suas intenções e à questão estética. Ainda que usem o mesmo material (*spray*) e tenham o espaço urbano como suporte, a diferença se dá na linguagem ou expressão plástica apresentada e na recepção dos signos. No entanto, é importante destacar que, segundo Pereira (2005), essa distinção entre grafite e pichação é algo muito específico do Brasil e, principalmente, de São Paulo. Em outros países, o que é denominado por nós como pichação, seria apenas um estilo dentro do grafite, afirma o autor.

Nesse embate, grafite e pichação se encontram ao mesmo tempo em que se repelem. É possível também compreender como em muitos casos quando uma pessoa em particular ou o poder público contrata o trabalho de um grafiteiro, o fazem em sua maioria não por legitimar essa arte, mas para evitar que seu muro seja pichado.

Para um pichador campineiro,

O *graffiti* “pegou uma carona” na pichação e quer também se estabelecer. A pichação seguramente foi anterior ao grafite, mas só se desenvolveu a partir deles. Em Campinas não foi diferente, quanto mais notoriedade o grafite adquire na cidade, mais importância tem a questão da pichação, que leva ao discurso do poder público o grafite como alternativa à pichação. (SALES, 2007, p. 58)

Para outros, o caráter contestador do grafite permanece. Portanto, uma outra distinção entre pichação e grafite estaria na escolha dos espaços urbanos a receberem suas marcas, ou seja, enquanto a pichação se instala onde a cidade é bonita, arrumada, o grafite, contrariamente, tende a buscar lugares desprezados. Ambas são formas de expressão que exercitam suas críticas urbanas e denunciam a lógica da cidade. Segundo Ceará e Dalgalarondo (2008), os melhores locais a serem pichados são os prédios mais altos e/ou edifícios públicos, trens, que possuem maior visibilidade e proporcionam maior “*lbope*”, na linguagem dos próprios pichadores.



Figuras 03 e 04 – Diferentes sentidos da pichação: como mensagem política e como demarcação de um grupo

...Grafites Urbanos (pichação e grafite) são, na forma como são exercidos e no comportamento libertário de seus agentes, uma linguagem, além de artística, também política, que constrói novas significações dentro do espaço urbano e público. (PENNACHIN, 2003, p. 5)

A história da pichação moderna pode ser datada a partir dos anos 1960, primeiramente como mensagem política e existencialista, depois como marcação de território, em especial no bairro Bronx nos Estados Unidos, na década de 1970.

A pichação de hoje se caracteriza por ter uma escrita estilizada. Talvez por isso, ela encontre mais dificuldade em ser apreciada esteticamente do que o grafite, embora utilize cores e formas bem trabalhadas. De certo modo, podemos afirmar que a pichação é o grafite que foi assumindo a forma de letras quebradas e garrafais visando chamar a atenção da sociedade. Ao mesmo tempo, há também uma intenção em dificultar o entendimento de quem não pertence à comunidade, transformando-se assim em um código de grupo.

Para alguns, a pichação aproxima-se da arte por ter a função de incomodar, como é característica de qualquer obra de arte. Outros vêem a pichação como um polêmico mecanismo de comunicação.

De acordo com Ceará e Dalgalarro (2008), os adolescentes geralmente realizam a pichação em grupos. O líder cria a “marca”, caracterizada por uma palavra que identifica o grupo, que deve ser divulgada nas pichações. Há também subgrupos vinculados a grupos maiores, e estes são denominados “grifes” que devem ser inscritas nas pichações juntamente com as “marcas”. Quanto mais conhecidas são as “marcas” e as “grifes”, maior é a notoriedade do grupo. Segundo os autores, a procura de locais para inscreverem suas “marcas” é análoga ao sistema pessoal e massificante de *marketing* da sociedade dominante.

Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?

Segundo Diógenes (1998), os registros espalhados por todos os cantos das grandes cidades eram vistos, inicialmente, apenas como um modo de enunciação dos esquecidos, até atingirem, nos dias atuais, o reconhecimento de um modo *outsider* de inscrição social. Desse modo, a pichação tem por objetivo não apenas a definição de áreas de segurança e domínio, como se afirma recorrentemente, mas é também uma forma de instituição de um lugar social, de uma luta por uma definição de identidade ou classificação. Além do aspecto “lúdico”, em que a cidade passa a ser o tabuleiro de uma minoria, as pichações também são o reflexo da falta de alternativas de lazer, cultura e esporte. Com a rebeldia e ousadia características, trata-se de uma forma de expressão e de denúncia da situação social do país, e em especial, da situação que se encontra o jovem hoje (SALES, 2007).

Em um estudo realizado na região metropolitana de Campinas com 32 adolescentes pichadores, constatou-se que os jovens entrevistados, todos moradores de zonas periféricas das cidades, geralmente não têm acesso aos recursos tecnológicos/mercadológicos presentes nos centros urbanos. O conflito causado pelos papéis valorizados pela sociedade e as reais possibilidades desses adolescentes podem ocasionar crises identitárias (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008).

A pichação pode então ser compreendida como expressão dos grupos oprimidos, que face à sua exclusão não lhes restam alternativas na busca pela auto-afirmação a não ser pichar os símbolos que representam essa sua condição social. São então escolhidos prédios, monumentos e outros espaços considerados como patrimônio público.

O jovem pichador não se identifica com os elementos da cidade. Para ele, o que significa a estátua em homenagem a Carlos Gomes? E a sede da banda que leva o mesmo nome do compositor, se suas músicas são o rap, o funk? O que significa estar no centro diante das inúmeras edificações, se sua referência de lugar é a periferia? (SALES, 2007, p. 57)



Figuras 05 e 06 – Prédios localizados em áreas centrais das cidades de São Paulo e Campinas

Dirce Zan – Elise Batista – Maria Teresa de Arruda Campos – Nathália Raggi – Tatiana Lima de Almeida

Podemos, portanto, afirmar que os jovens pichadores utilizam a pichação como forma de demarcar suas identidades e confrontar a sociedade:

Picho, logo assusto, impressiono, e existo invertendo a pirâmide escrota e naturalista. O resto é BAFO e bula e abafa o caso. Eis o alfabeto de vera da PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. Purgatório neles, berram as pequenas autoridades, a Prefeitura, o Estado, as ONGs, os bons burgueses, ah, entendi, querem salvá-los!!! Que gente decente!!! Então tá combinado, todos doravante, data vênua, esqueceram a palavra vândalo, que pregaram na testa dos ttsss... e querem que os meninos domados, grafitando como os boyzinhos novaiorquinos, bem entendido, rumo às galerias e aos slogans oficiais! - Xico Sá. (BOLETA, 2006, p. 9)

É forte entre os pichadores o desejo de permanecerem fora do circuito oficial, mantendo sua postura contestadora ao sistema:

[...] vejo a pichação na condição de querer permanecer fora do circuito oficial da arte, pois se seu cerne é a transgressão, ao ser absorvida, considerada como arte, perde sua maneira de ser, seu cerne. Ao fazer uma análise estética da pichação não a incentivamos como tal, mas ela existe e para existir é somente na condição de clandestinidade da transgressão, se contrário não é pichação, é somente uma escrita ou letras ou símbolos autorizados – Grafiteiro Osmir. (SALES, 2007, p. 57-58)

Grafite e pichação em São Paulo e Campinas

Em São Paulo, o grafite ganhou força no final da década de 70, com artistas como Alex Vallauri, que deixou as galerias de arte para começar a se expressar nas ruas. Falecido no dia 27 de março de 1987, Vallauri foi homenageado e a data de sua morte passou a ser do dia do grafite na cidade. Alex pintava utilizando molde vazado.



Figuras 07 e 08 – Grafites de Alex Vallauri em São Paulo

Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?

Desde essa época têm-se utilizado cada vez mais o grafite na cidade como forma de combater a pichação. Enquanto a primeira é, por muitas vezes compreendida como arte, a pichação é discriminada por ser considerada como responsável por sujar e poluir a cidade.

O movimento em busca de cercear a pichação tem-se espalhado pelo estado. Em Campinas, uma matéria publicada em jornal local de março de 2003² apresenta um artigo em tom indignado quanto à pichação na cidade. Segundo o artigo, a pichação é odiada pela sociedade campineira, que a percebe enquanto poluição visual que tem crescido nos últimos dez anos. O ódio, segundo o jornalista, não é apenas à pichação, mas aos próprios pichadores que enfeiam a cidade e geram prejuízos para as empresas e famílias que “não vencem pintar e repintar suas paredes e muros”. O artigo conclui que a pichação e os pichadores se tornaram uma epidemia na cidade e que merecem ser tratados como tal.

O movimento *Hip Hop* em Campinas, segundo Ximenes (2005), nasceu por volta do início dos anos de 1980. Desde então, instalou-se em diferentes *points* – Largo do Rosário (praça central da cidade); em frente à Prefeitura Municipal ou, mais recentemente, na praça ao lado do teatro Centro de Convenções em um bairro central da cidade e de características mais elitizadas. Para a autora, houve um certo avanço nas políticas voltadas para o movimento durante o início dos anos de 2000, na gestão petista do governo municipal. Nessa época, foi criado o Conselho Municipal do *Hip Hop*, a Casa do *Hip Hop*, oficinas em parceria com secretarias, *shows* e debates sobre o tema.

No ano de 2009, novamente o poder público trouxe à tona o debate acerca da pichação na cidade. Encabeçada pelo vereador Antônio Santos – que se autodenomina “O Politizador” – constitui-se uma Comissão Especial para estudar o assunto. Foi em uma das sessões de debate organizadas por essa Comissão que o grupo Violar teve a oportunidade de tentar problematizar a questão da pichação. Em relatório apresentado à comunidade, a Comissão conclui a necessidade de se retomar a história da ocupação do espaço urbano na cidade e a tentativa de se ampliar e inserir os diferentes artistas locais em ações do poder público. No entanto, é também marcante no referido relatório a intenção de alguns membros da referida Comissão em criminalizar o ato da pichação, encarando o jovem pichador como um sujeito problemático que necessita ser “ajustado”.

Parece-nos, portanto, que questões relevantes na compreensão do fenômeno da pichação permanecem com pouca ou nenhuma ressonância no poder público.

Considerações finais

Pichar para os jovens é um jeito de viver a vida, uma possibilidade de viver num tipo de anonimato, de risco, de espontaneidade. Pichar é criar um fato, construir uma história para cada pichação, ser ágil na precariedade do uso dos recursos para encontrar o local, o material, a inscrição. É deixar-se levar pelo prazer daquele ato audaz, curioso, e porque não, perigoso.

Eu vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério...
Sempre quis falar nunca tive chance
tudo o que eu queria estava fora do meu alcance
(Música '*Não é Sério*' de Charlie Brown Jr.)

Vivemos num Estado democrático apoiado na participação, assim nos ensina a Constituição de 1988, mas o que estamos podendo vivenciar dessa participação? Quais são os espaços disponibilizados para essa participação? Quem não participa não vive. As juventudes, em seus diferentes tempos históricos e em suas diferentes formas de viver num mesmo tempo nos apresentam diferentes leituras sobre o que é viver e, claro, o que é participar. Inventam, escolhem, constroem. Repetem também, embora com maior sofrimento.

As diferentes juventudes que vivem por todos os cantos e encantos desse país têm estabelecido uma relação de força com as cidades. Nas relações de poder, como afirma Foucault (2004, p. 277), "há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação –, não haveria de forma alguma relações de poder". Essa é a provocação para as resistências. Onde há relações de poder, nascem resistências.

As relações de poder vão produzir as muitas lutas que o dia a dia denuncia de forma explícita, a saber: lutas contra as formas de dominação ética, social e religiosa; contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desse modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão).

É humano que, diante das relações de poder (transversais e mutáveis, construídas sempre em ato), sejam a todo instante surpreendidas pelas muitas possibilidades de resistência, e é nessa medida de uma resistência real que quem domina para se manter no poder precise usar cada vez mais a força. Quanto mais elaboradas as formas de resistência mais força se faz necessária. Assim, o poder é produtivo. Ele não é o não, mas é uma força que suscita a criação de um novo.

Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?

Poderíamos dizer que o poder é um aliado da capacidade criativa de ousar novas possibilidades e, portanto, é um motor produtivo para o cuidado de si, a partir do ato da pichação. Picasso, Miró, Gaudi inovam em sua arte e nos apresentam uma forma de resistência ao academicismo das artes plásticas. Pichadores nos apresentam signos, marcas pessoais e de grupos, marcas aceitas por todo um coletivo que se identifica, que propõe uma outra forma de comunicação, de lazer, de arte e resistência.

Como podemos pensar a pichação desde essa outra perspectiva? Se nossa preocupação fosse a juventude, o cuidado deveria ser com o risco das alturas, com os acidentes. Desde crianças as marcas são constitutivas de uma história. Marcas na parede da casa, no chão da sala, no sofá algumas vezes. Os pais podem bater nas crianças ou colocar grandes papéis na parede, colocar a criança de castigo ou apoiar sua manifestação.

Como os jovens estão viabilizando sua arte? Temos construído políticas públicas de arte e cultura em nossas cidades? Como os processos de subjetivação que valorizam singularidades, histórias e a apropriação de espaços urbanos têm acontecido? Garantimos a construção coletiva da cidade?

Sujeitos éticos exercitam maneiras de se relacionar consigo mesmos e com o outro. Têm a oportunidade de encontrar caminhos produtivos de estabelecer essas relações. A isso chamamos cuidado de si. Esse cuidado de si não é apoiado em preceitos religiosos que privilegiam o individualismo tatuado na vida eterna, na salvação da alma. Também não está apoiado no culto ao corpo, no narcisismo que esculpe no corpo o desejo de poder pelas fórmulas de uma aparência construída na compra-venda de uma beleza disposta nas prateleiras das lojas ou nas mãos da medicina.

O cuidado de si pode ser entendido como um conjunto de ocupações, que passam pela maneira como vive; suas fontes de informação; seus estudos; o trabalho diário com seus pertences; o ir e vir nas ruas; como cuida do lixo que produz, da sua saúde, do seu corpo. O cuidado de si passa pela escolha de seu voto; na forma como se relaciona no trânsito; nos alimentos que consome; na maneira como se relaciona com os outros; como cuida de sua cidade; como aborda e compartilha o conhecimento.

O cuidado de si abre o sujeito para novas experiências que o ajudam a transformar-se, a olhar novos modos de vida, a fazer outras escolhas, a encontrar certa maneira de regular sua conduta numa dada civilização surpreendendo-se com o novo, abrindo-se a ele. Como nos ensina Foucault, “Cuidar de si poderá ser, ao mesmo tempo, senão um cuidado dos outros, pelo menos um cuidado de si benéfico para os outros.” (FOUCAULT, 2004, p. 273).

Podemos trilhar o caminho no qual “o tripé participação social, cuidado de si e cuidado do outro, conjugado aos verbos inventar, resistir e criar podem fazer toda a diferença no processo de produzir uma vida singular, ética e que pode ser apreciada e vivida como uma obra de arte” (CAMPOS, 2008, p. 117). Poder ir para além das relações de poder e das resistências, vivendo como sujeito ativo e singular na sociedade, numa perspectiva em que ética e estética são constitutivas das noções de cuidado de si, da arte do governo de si, do cuidado do outro e das técnicas de si.

Assim, concordamos com Costa (2004, p.86) quando afirma que há uma saída para a vida em sociedade, se pensarmos na possibilidade de “voltar-se para o outro, construir uma sociedade na qual todos tenham direito ao mínimo necessário à satisfação das necessidades elementares, para que, então, possamos ser, de fato, livres para criar tantas formas de sermos felizes quantas possamos imaginar” .

Essa possibilidade é um longo aprendizado de viver coletivo onde uns e outros possam dividir os espaços, as conquistas, os afetos. Onde um e outro não se vejam como inimigos, não se sintam ameaçados. Onde um e outro acreditem que é possível a construção de um outro mundo, mais justo e com oportunidades para todos.

Costa (2004, p. 81) afirma que

Cada cultura, no entanto, permite a realização de certas condutas e interdita outras. Uma cultura na qual tudo fosse igualmente possível não seria “uma cultura”. Cultura é delimitação de possibilidades e impossibilidades. No convívio humano existem sempre comportamentos que são incentivados e aprovados e outros desestimulados e condenados.

Pensar na possibilidade de ocupação do lugar de quem não somente se submete à cultura mas que também age na sua construção produz um outro e novo olhar para o mundo e para as relações sociais passíveis de mudanças. Esse movimento em direção a um outro olhar sobre a cultura nos ajudaria a tentar a possibilidade de viver uma vida não-fascista.

Referências

ARCE, J. M. V. **Vida de Barro Duro**: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

ARAÚJO, Marianna; COUTINHO, Eduardo. Hip Hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global. In: BORELLI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Orgs.): **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

BOLETA, (Org.). **Tsss... A grande arte da pichação em São Paulo**. São Paulo, Ed. Bispo, 2006.

CAMPOS, M. T. A. **A Adolescência Inventada e os Sujeitos que se Inventam na Participação Social**: capturas e rupturas. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CEARÁ, A. T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 19, n. 3, set. 2008.

COSTA, J. F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In **Juventude e Sociedade**: trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência**. São Paulo: Annablume, 1998.

FILHO, J. L.. Hip Hopper: Tribus Urbanas Metrôpoles e Controle Social. In PAIS, J. M.; BLASS, L. M. da S. (Orgs.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

FOUCAULT, M. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FORACCHI, M. O Movimento Estudantil. In: **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1972.

FORACCHI, M. Trabalho e Autonomia. In: **O estudante e a transformação da Sociedade Brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

KEHL, M. R. A Fratria Órfã: o esforço civilizatório do rap na periferia de São Paulo. In: **A Fatria Órfã**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2008.

PENNACHIN, D. L. **Signos subversivos**: das Significações de Graffiti e Pichação. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003.

PEREIRA, A. B. **De Rolê pela Cidade**: os pichadores em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2005.

SALES, A. C. G. de. **Pichadores e Grafiteiros**: manifestações artísticas e políticas de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Campinas-SP. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 2007.

TEIXEIRA, R. P. **Sob a proteção da Vênus Cloacina**: diferenças sexuais e interculturais em grafitos de banheiro. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2004.

Dirce Zan – Elise Batista – Maria Teresa de Arruda Campos – Nathália Raggi – Tatiana Lima de Almeida

TEIXEIRA, R. P. e OTTA, E. Grafitos de Banheiro: um estudo de diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, 3(2), 2004 .

XIMENES, T. **Hip Hop e Educação**: mesma linguagem, múltiplas facetas. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP, 2005.

Notas

¹ Este artigo resulta de reflexão construída por pesquisadores do grupo Violar (Laboratório de Estudos sobre Violência Imaginário e Juventude) quando de sua participação na Comissão Especial de Estudos da Câmara de Vereadores de Campinas em 29 de maio de 2009.

² Referimo-nos à matéria publicada no Jornal *Correio Popular* em 16 de março de 2003, intitulada “Pichação já se tornou uma epidemia social: cada vez mais ousados, pichadores contribuem para aumentar a poluição visual da região central e dos bairros de Campinas”, assinada por Jary Mércio.

Correspondência

Dirce Zan – Rua Papa Leão XIII, n. 10 – casa 26, Bairro Real Parque – CEP: 13082793 – Campinas, São Paulo, Brasil.

E-mail: dircezan@unicamp.br

Recebido em 18 de junho de 2010

Aprovado em 09 de agosto de 2010